



# Inocência

Visconde de Taunay

---

## A época: contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 — e sua permanência na colônia até 1821 — determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

### **Num primeiro momento:**

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

### **Em 1822:**

- a Independência do Brasil, que teve como conseqüência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasílicas;
- início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

### **De 1831 a 1840:**

- Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845.
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado imperador do Brasil no ano seguinte.

### **De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:**

- de 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;

- de 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;
- de 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio — como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora — ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais — como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Sílvio Romero. Constituem exceção os escritores de origem humilde: Manuel Antônio de Almeida é um deles.

---

## A estética romântica: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultra-Romantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
- predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
- desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
- a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
- na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
- no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
- na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
- na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultra-românticos;
- a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcaica;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
- a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe etc.

---

## Aspectos da prosa romântica brasileira

Data o Romantismo brasileiro de 1836, e sua prosa apresenta, bem definidas, características estéticas em que se marca um "nacionalismo literário", identificado tanto no indianismo alencariano quanto na prosa de conotação histórica e de ambientação regionalista — em que também se coloca José de Alencar, ao par de autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O Romantismo marca um período em que se inicia uma atividade literária voltada para os valores nacionais: há quem se interesse por aquilo que é nativo; tem-se, assim, o indianismo, já que nossa cultura nativa é a indígena. Por outro lado, faz-se também uma leitura da sociedade urbana fluminense incipiente, que sucede à observação dessa cultura nativa.

Desse modo, a prosa romântica apresenta uma riqueza temática de grande valor histórico e mesmo literário. Enquanto o Ceará — em *Iracema* — e o interior do Rio — em *O guarani* — instituem-se como cenários de uma gênese da brasilidade e a região confluyente entre Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás representa um espaço preferencial no âmbito regionalista, o Rio de Janeiro desponta como centro de referência para os escritores da prosa romântica urbana.

Evidencia-se o interesse dos prosadores em pintar as cores locais, enfocando o espaço, o homem brasileiro, em busca do registro de uma cultura nativa (aborígene, indianista), sem, entretanto, deixar de observar os costumes e comportamentos de uma sociedade que se forma tanto no ambiente rural, como se vê em *Inocência*, como urbana, registrada, por exemplo, em *Senhora*. Essa é a razão do aparecimento da produção literária indianista, da regionalista e da urbana.

---

## O romance regionalista romântico

A ficção romântica brasileira: romance, conto, novela, distribui-se numa perspectiva indianista, outra urbana, outra histórica e uma outra regionalista. São características da prosa romântica brasileira:

- **romance de folhetim:** Matéria produzida com regularidade para publicação na imprensa. Contém a exploração da intriga, da complicação sentimental, a aventura, tal como hoje apresenta a novela de televisão. Antecedendo a radiodifusão, fez grande sucesso entre o público leitor que somente a abandonou quando surgiu a novela radiofônica.
- **romance indianista:** Tem como motivo o Brasil primitivo, a chegada da Metrópole colonizadora, a postura do nativo em relação à sua gente e em relação ao europeu que aqui se instala.
- **romance urbano:** Tem interesse pelo comportamento da burguesia; trata da frivolidade da vida urbana ao pintar seus hábitos, linguagens, maneira de trajar-se e de conviver nas rodas sociais ou estudantis, num momento em que a sociedade se deslumbra com o aspecto exterior.

No romance histórico, a História serve como fonte de inspiração, mas não se trata de uma análise do processo. O romancista vai buscar no passado os dados com recompõe o clima daquele momento. É desse período o **romance de capa e espada:** narrativas voltadas para o suspense ou para a atitude punitiva do vilão e o **romance de mistérios.**

A oposição entre o romance histórico e o urbano está em seu aspecto cronológico.

Entre os romances regionalistas românticos estão as obras voltadas para os diversos núcleos regionais brasileiros: o Nordeste, os Pampas Gaúchos, Minas Gerais, o Pantanal de Mato Grosso. Essas obras tendem ao ufanismo regional, ao registro do nativismo. Listam-se nesse período: José de Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay e Franklin Távora.

---

## Visconde de Taunay: um autor regionalista com propósito

A estrutura linguística dos regionalistas românticos se marca pelo excesso de adjetivos, pela grandiosidade exacerbada das cores locais. Por exemplo, quanto a Bernardo Guimarães, Monteiro Lobato registrou: “Bernardo falsifica o nosso mato”. Isto porque o romântico pinta as matas como exuberantes, os rios caudalosos, as aves canoras, as montanhas altíssimas... Veja-se:

“No fértil e opulento município de Campos dos Goitacases, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e luxuoso, situado em aprazível vargado ao sopé de elevadas colinas de mata em parte devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em gramais e pingues pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantescas, perobas, cedros e copaíbas, que atestam o vigor da antiga floresta. [...]”

### A Escrava Isaura

Tal não ocorre com Alfredo d’Escagnelle Taunay. Nascido no Rio de Janeiro, estudou Ciências Físicas e Matemáticas na Escola Militar. Foi participante da Guerra do Paraguai e de outros movimentos militares.

---

Elegeram-se deputado e senador e foi agraciado com o título de visconde. Proclamada a República, abandonou a vida pública. Escreveu romance, conto, História e teatro.

A obra regionalista de Taunay valoriza o “falar caipira”, que se funde com a expressão culta, numa demonstração importante da riqueza linguística do idioma, como se vê nesses trechos de *Inocência*:

“...— Que tem você? perguntou Pereira apressadamente.

Homem, a modos, observou Manecão com tristeza, que meto medo à senhora dona...

Batiam de comoção os queixos da pobrezinha: nervoso estremecimento balançava-lhe o corpo todo.

A ela se achegou o mineiro e pegou-lhe no braço.

Mas você não tem febre?... Que é isto, rapariga de Deus?

Depois, meio risonho e voltando-se para Manecão:

Já sei o que é... Ficou toda fora de si... vendo o que não contava ver... Vamos Nocência, deixe-se de tolices.

Eu quero, murmurou ela, voltar para o meu quarto. [...]

...— Não; ... explique-se..., Você faz assim uma pergunta que me deixa um pouco... anarquizado. Este negócio é muito, muito sério. Dei-lhe palavra de honra de honra, que minha filha haverá de ser sua mulher... a cidade já sabe e... comigo não quero histórias... É o que lhe digo.

Está bom, replicou ele, nada de percipitações. Toda avida fui ansim... Já volto; vou ver onde pára o meu cavalo. [...]

— Minha Nossa Senhora mãe da Virgem que nunca pecou...” [...]

O regionalismo é decorrência natural do espírito romântico já iniciado no indianismo: o interesse pelo elemento nativo, pela observação subjetiva dos hábitos, dos falares, dos ambientes nacionais. Taunay faz *literatura* que busca matéria prima linguística não apenas no rigor, na ortodoxia da norma culta, como conveio a seus antecessores, mas também na linguagem simples, coloquial do homem interiorano.

Trata-se de uma busca de renovação da linguagem artística. Apoiado em sua formação clássica, Taunay vê-se capaz de notar e selecionar as estruturas linguísticas de uma linguagem outrora inconcebível na produção literária. O romancista consegue harmonizar a expressão coloquial, caipira com as estruturas do português formal:

“— Vassuncê não credita! protesta então com calor.”

A utilização desse expediente linguístico prognostica uma ruptura com a formalidade que se definirá no Modernismo. Taunay utilizou o falar discriminado como um componente da cultura que expõe em sua narrativa. Não se trata pura e simplesmente do registro, mas da integração ao espaço, à região: objeto da narrativa. O narrador deixa clara a evidencia seu domínio do português erudito e, para tanto, constrói períodos híbridos: mistura de ambos os registros linguísticos:

“Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

De seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, acusto, parecia coar por entre os cílios sedosos e franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces. [...]

“— Sente dor de cabeça?

Nhor-não.”

.....

“Bom, por hoje, então, ou melhor, agora mesmo, o suador. Fechem tudo, e que a dona sue bem. À meia-noite, mais ou menos, virei aqui dar-lhe a mezinha. Sossegue o seu espírito e reze duas Ave-Marias para que a quina faça logo efeito.

— Nhor-sim, balbuciou a moça.[...]”

---

## *Inocência* : em obra documental, a história de um trágico amor

Considerado o “produto mais equilibrado” do regionalismo romântico brasileiro, *Inocência* foi publicado em 1872, mesmo ano em que Bernardo Guimarães publica *O Seminarista*, obra da qual se

diferencia a narrativa de Taunay, principalmente pelo aproveitamento da linguagem, pela objetividade da narração, pela harmonia entre o homem e sua cultura, num espectro mais amplo. Contrariamente a Bernardes, Visconde de Taunay não se apegava a uma adjetivação escancarada, frouxa, vazia e ilusória.

Com efeito, a preocupação com a fidelidade ao retratar o ambiente, as pessoas e os costumes do lugar — região limítrofe entre os estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e São Paulo, em pleno sertão do pantanal — é a característica mais marcante do romance: os diálogos representam o modo de falar do sertanejo, enriquecidos com expressões típicas; miscigenados com expressões da norma culta. As descrições são precisas, a natureza apresenta-se tal como é; os hábitos e costumes das pessoas são relatados com exatidão quase documental, fruto da formação exata do autor.

O sertão é o ambiente da narrativa, que se propõe a registrar as relações sociais vistas do ponto de caráter do homem interiorano, mais severo, circunspeto e intransigente que o urbano. O interiorano se revela menos atingido pela diversidade cultural, fica circunscrito às suas tradições, seus conceitos de honra, a qual, sempre que atingida, deve ser lavada com o sangue do agressor. Na obra, Cirino, o pseudo-médico, acaba por pagar seu atrevimento com a própria vida.

As personagens podem ser classificadas de acordo com seu papel no decorrer da história. Inocência, a personagem-título, é filha de Pereira, um sertanejo, pequeno proprietário rural. Pereira representa a manutenção da noção de honra e da tradição patriarcal. Deseja conservar, a todo custo, seus princípios, que tem como inegociáveis.

Mantém a filha sob severa observação, quase reclusa, guardada pelo anão Tico. Inocência está apalavrada pelo pai, para casar-se com o vaqueiro Manecão Doca.

Esta é a situação inicial, na qual são inseridos os elementos considerados “estranhos ao meio”: o farmacêutico ambulante Cirino, autopromovido a médico, e o naturalista alemão Meyer, com seu criado, Juca.

Cirino conhece Pereira quando este vai à vila comprar remédios para Inocência, que está doente:

“[...] A essa hora, um viajante, montado numa boa besta tordilho-queimada, gorda e marchadeira, seguia aquela estrada. A sua fisionomia e maneiras de trajar denunciavam de pronto que não era homem de lida fadigosa e comum ou algum fazendeiro daquelas cercanias que voltasse para casa. Trazia na cabeça um chapéu-do-chile de abas amplas e cingido de larga fita preta, sobre os ombros um poncho-pala de variegadas cores [...]

[...]

[...] Também pouco tempo caminhou só, por isto que em breve ao seu lado emparelhou outro viajante, escanchado num cavallinho feio e zambro, mas muito forte, o qual, coberto como estava de suor, mostrava ter vindo quase a galope.

Homem já de alguma idade, o recém chegado era gordo, de compleição sanguínea, rosto expressivo e franco. Trajava à mineira e parecia, como realmente era, morador daquela localidade. [...] “

Ao dizer-se médico, Cirino é convidado pelo pai da moça a passar algum tempo em sua casa, a fim de curá-la. Cirino aceita e conhece Inocência, por quem vem a apaixonar-se.

A moça corresponde ao afeto de Cirino, mas é comprometida: cria-se o impasse e o núcleo da história, que a esta altura já apresenta outras personagens: Meyer e seu criado, introduzidos e acolhidos na casa de Pereira, graças a uma carta de apresentação vinda do irmão mais velho do patriarca, que ele julgava já morto.

“— Mas este nome é o meu! exclamou Pereira. Esta carta então é para mim...

Hu, Hu! gaguejou o alemão boquiaberto. É muito curioso isto!

Sou eu, sou eu mesmo! [...]

[...]

“...pelo amor de Deus, o nome de quem dirige a carta.

Rompeu o alemão com alguma dúvida e escrupulo o selo; correndo com os olhos a lauda escrita, procurou a assinatura e pausadamente leu: “Francisco dos Santos Pereira”.

“— Gentes! bradou o mineiro no auge da alegria, meu irmão... o Chiquinho!... E eu que o fazia morto e enterrado!... [...]

Instala-se o contraste entre dois modos de vida: o rural — representado por Pereira e suas tradições — e o urbano — ilustrado por Meyer, que serve de plano de fundo para o amor impossível entre Inocência e Cirino, ao mesmo tempo em que permite uma observação mais séria dos valores e comportamentos do sertanejo rústico.

Os dois amantes mantêm o romance às escondidas, até que Cirino, aconselhado por Inocência, vai pedir ajuda ao padrinho da moça, Antônio Cesário. Entrementes, Manecão, repellido pela noiva, descobre, através de Tico, o guardião da jovem, o romance com o rival e sai à procura de Cirino para matá-lo, no que é apoiado por Pereira.

Manecão encontra Cirino justamente quando este espera a resposta do padrinho de Inocência, o qual chega em tempo de ampará-lo nos últimos momentos de vida. Agonizando, Cirino ainda perdoa ao seu assassino, e pede a Antônio Cesário — que chega enquanto ele agoniza — que mande rezar por sua alma e não permita o casamento de Manecão com Inocência. Cirino morre pronunciando o nome da amada:

“Contraíu-se o rosto de Manecão.

De um tranco chegou o cavalo bem junto a Cirino e disse-lhe em voz surda:

É um ladrão... é um cachorro!

A esse insulto, puxou Cirino a pistola

Mato-o já, bradou com violência se continua a destratar-me.

Sorriu o capataz com desprezo.

Gentes, observou cuspiendo para um lado, vejam só que valentão... E sabe manejar garrucha!...

Acabemos com isso, gritou Cirino.

Acabemos, retorquiu Manecão com fingida calma.

Mas quem é o senhor? perguntou Cirino.

Eu?

Sim!...sim!...

Então não me conhece?

Não, balbuciou Cirino.

Conhece Nocência? uivou Manecão com voz terrível.

E, de supetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou-a à queima roupa em Cirino.

Varou a bala o corpo do infeliz e o fez baquear por terra. [...]"

O narrador interrompe aí a história, para relatar a volta de Meyer à Alemanha, a fim de apresentar num congresso científico a sua descoberta mais recente: uma borboleta raríssima, a qual denominara *Papilio Innocentia*, em homenagem à graça e beleza da jovem Inocência.

Após a morte de Cirino, o final da obra faz referência apenas ao sucesso daquela sessão solene em que Meyer expôs suas pesquisas na cidade de Magdeburgo, no dia 18 de agosto de 1863. Depois disso, breve alusão a Inocência, dando conta de sua morte:

“Inocência, coitadinha...

Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue à terra, no imenso sertão de Sant’Ana do Parnaíba, para aí dormir o sono da eternidade.”

Trinta capítulos e um epílogo descrevem de maneira definida uma região. Neste espaço desenvolve-se a narrativa, registrando de modo fiel os valores de uma sociedade rural, em que a dignidade da palavra há de sempre ser respeitada.

A narrativa, que inicia pela descrição do ambiente — o sertão com seus sortilégios, logo inclui mais um componente: o sertanejo.

No início, um espaço:

“Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso a estrada que da Vila de Sant’Ana do Parnaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confinam os territórios de São Paulo, Minas Gerais

e Mato Grosso até ao Rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras; rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao retiro de...”

O espaço integra o homem:

“[...] João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, oferece-lhe momentâneo agasalho e o provê de matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiri, ou da Vacaria e Nioac, no baixo Paraguai.

Ali começa o sertão chamado bruto.”

---

## Tradição sertaneja: a honra acima de tudo

A história desse amor e o conflito desencadeado por ele caminham paralelamente à análise que Taunay faz dos costumes sertanejos: Pereira é o exemplo acabado do homem rural, cuja preocupação primeira é a honra e a tradição, mantidas, se preciso for, a preço de sangue.

Inocência é a imagem da submissão, do servilismo da mulher em uma sociedade patriarcal e rural, preconceituosa e arraigada às tradições.

Meyer representa o homem urbano, ligado à Ciência, dado à cultura, voltado para o avanço, e para o progresso.

Cirino traduz um meio-termo entre o saber e a esperteza: diz-se médico, apesar de apenas conhecer um pouco de farmácia. Ainda que tenha conhecido outros lugares e estudado um pouco mais que os sertanejos com quem vai conviver, respeita e acata os costumes e tradições do meio. Corre o risco de apaixonar-se por uma donzela comprometida com a decisão do pai de casá-la com o capataz Manecão e, por isso, acaba sendo assassinado, em nome da honra.

---

## As personagens

- **Inocência:** Jovem interiorana, filha de um mineiro irredutível, pequeno proprietário rural, vive sob suspeição, é vigiada e segregada para não “pecar”. Está prometida para casar-se com o capataz da fazenda de seu pai. Não tem acesso à educação, senão às coisas do lar. Inocência é, primeiramente, submissa às determinações do pai; depois fica subjugada ao noivo: Manecão. À vista de Cirino, Inocência assume uma postura de rebeldia passiva a tal situação e repele o noivo, recusando atender a determinação paterna.
  - **Cirino:** Primeiro elemento da desintegração do núcleo rural, é homem de instrução razoável, urbano, tem, pelas origens e pela profissão, contato com o ambiente rural. Autodenomina-se médico. Foi prático de farmácia e carrega um famoso Dicionário de Medicina Popular. Cirino não pretende difundir o urbanismo que bem conhece, mas respeita as tradições. Termina por apaixonar-se por Inocência; transgressão que lhe custará a vida.
  - **Pereira:** O centro do núcleo familiar, Martinho dos Santos Pereira, mineiro, é pai de Inocência. Homem severo, de costumes tradicionais. Tem boa índole, é hospitaleiro: recebe com fidalguia os visitantes, mas não deposita neles confiança: mantém-nos vigidos. Decidiu que sua filha se casará com Manecão, um de seus empregados na fazenda. O modo patriarcal de conduzir a família não admite contrariedades às suas decisões. Pereira representa o protótipo do “macho”, um desbravador que vive em comunhão com a natureza e desafia as suas adversidades.
  - **Manecão:** Por decisão de Pereira, Manecão Doca é noivo de Inocência. Combinado o noivado, Manecão vai ao poucos adquirindo liberdade na casa do patrão; vai-se tornando o chefe daquele núcleo familiar e assumindo os encargos do patriarca. É violento e exigente. Acaba por matar o rival Cirino, na disputa pelo amor da jovem Inocência.
  - **Meyer:** Representação do segundo elemento da desintegração do núcleo tradicional rural. Protótipo do homem culto, com a urbanidade europeia. Cientista, pesquisador de Botânica. Em suas andanças à cata de raridade entomológica, termina por encontrar a fazenda de Pereira, o qual lhe dá acolhida. Uma coincidência interessante é a carta de recomendação que Meyer traz, assinada por um irmão, Chico, de Martinho Pereira. O fazendeiro não tinha notícias do irmão e
-

julgava-o já morto. Este fato confere maior hospitalidade ao alemão e seu ajudante. Meyer funciona como expediente que camufla as relações entre Inocência e Cirino, já que, a princípio, Pereira desconfia de que o alemão seja o galanteador da filha; tanto que chega a pretender eliminá-lo. Errou o alvo: não era Meyer o pretendente de Inocência.

- **Juca:** Criado de Meyer, configura o "status" do homem culto urbano: um serviçal, um ajudante.
  - **Tico:** Um anão que tem a responsabilidade de vigiar Inocência a mando de Pereira. Representa o sistema repressor disfarçado daquela comunidade.
  - **Antônio Cesário:** Padrinho de Inocência; elemento indispensável na representação da instituição religiosa tão prezada na família rural tradicional. Torna-se amigo de Cirino, todavia, sem trair a confiança de Pereira. Apenas compreende o drama do pseudo-médico.
- 

## O foco narrativo

Um narrador em terceira pessoa descreve a região em que armará a fábula. Tem o traço do romântico regionalista, porém, mais comedido na expressão subjetiva, menos adjetivo, mais objetivo. O narrador leva o texto a apresentar uma fusão homem-espaco-fala. Mescla o falar regional inculto com a expressão de uma língua portuguesa bem cuidada, oficialmente dada como correta e apropriada ao fazer literário. Nisto o narrador inova, antevendo o que o Modernismo assumiria de vez.

O autor, Visconde de Taunay, foi homem de excelente formação científica e

intelectual. Percorreu o país em diversas missões, tendo adquirido informação suficiente para administrar a espécie de linguagem que trabalhou na elaboração do romance regionalista *Inocência*. Em mesclar os dois registros de fala da língua portuguesa, o narrador explora mais que a relação linguística, mas também a social. Introduce comentários esclarecedores dos costumes da gente do sertão, como se pode ver neste passo relativamente à visão de Pereira, quanto à educação da mulher:

"Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é, em geral, corrente nos nossos sertões e traz como consequência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencional entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas sobretudo os numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho." (In *Tradição e Traição*, Zenir Campos Reis)

Na verdade, há um narrador culto, interpretando para a camada leitora de bom nível de linguagem, a expressão rude do homem rural. Não a interpreta como algo desprezível e ruim: apresenta-a com um doce sabor de identificação de uma realidade, de uma cultura.

---

## O tempo

O tempo cronológico da história gira em torno de quinze anos, caso se conte o tempo desde quando Martinho Pereira encontra Cirino, 15 de julho de 1860, e com ele conversa dizendo que está naquele lugar há doze anos:

"Vendi minha lojinha de ferragens e internei-me até cá com três escravos. Há doze anos que moro nestes socavões..."

... até o dia em que Meyer apresenta sua descoberta — 18 de agosto de 1863. Inocência morrera há exatamente dois anos antes dessa data.

---

## O espaço

Toda a obra registra, documenta as impressões de uma realidade sociocultural dos sertões brasileiro. O inóspito do solo que se localiza na confluência dos estados de São Paulo, Minas e Mato Grosso garante a hospitalidade de um matuto capaz de abrigar sob seu teto a quantos dele precisem, desde que submetidos aos padrões morais e éticos por ele impostos.

---